

## O discurso completo de Gustavo Petro

Minha filha Antonella Petro acabou de me enviar um parágrafo que ela quer que eu comece meu discurso. Assim, com o respeito de vocês, vou lê-lo; é o parágrafo de uma menina de 16 anos e diz assim:

“Hoje estou orgulhoso de me apresentar diante de vocês como o presidente do coração da terra. Assim é como nossos indígenas da Sierra Nevada chamaram meu lindo país. Geograficamente falando, faz sentido que sejamos o coração do mundo. No entanto, se somos o coração, precisamos dar o exemplo de unidade, paz total e preservação da natureza. Se o coração funciona, é um grande avanço; no entanto, todas as outras partes do corpo são importantes; se uma falha, o resto também falhará. Por isso, do coração da terra, convidamos todos os países a fazer um ato de consciência, deixar de lado a ganância que está matando o ser humano e a mãe Terra e dar um passo em direção à paz total.”

Até aí, minha filha. Cumpri suas ordens e sigo.

Senhoras e senhores presidentes do mundo. Neste recinto, a capacidade de comunicação de um presidente depende da quantidade de dólares que ele tem em seu orçamento. Da quantidade de aviões de guerra que possui e, no fundo, da capacidade que seu país tem de destruição sobre a humanidade.

O poder de um país no mundo não se exerce mais pelo tipo de sistema econômico, político ou de ideias que irradia, mas sim pelo poder de destruir a vida da humanidade. Aqueles que não temos esse poder de destruição — ao contrário, os que temos o poder de sustentar a vida no planeta — falamos sem muita atenção prestada e, muitas vezes, talvez só para nossos próprios povos. Por isso, não nos escutam quando votamos para que se detenha o genocídio em Gaza, embora sejamos a maioria dos presidentes do mundo e representantes da maior parte da humanidade. Não nos ouve uma minoria de presidentes que podem deter os bombardeios, ou seja, não nos escutam os presidentes dos países que podem destruir a humanidade.

Se pedimos que a dívida seja trocada por ação climática, as minorias poderosas não nos escutam. Se pedimos que deixem as guerras para nos concentrarmos na rápida transformação da economia do mundo para salvar a vida e a espécie humana, também não nos escutam.

É o poder de destruição da vida que dá volume à voz no recinto das Nações Unidas e congrega a maioria de seus representantes e delegados. Não se escuta a voz das nações e pedimos unir o esforço humano em prol da existência. Aqui falamos, mas não somos ouvidos.

No entanto, talvez já não falemos para que nos escutem e dialoguemos com os presidentes do poder mundial, mas para que ouçam os povos do mundo. Hoje as coisas estão piores do que há um ano. Queimaram-se 11 milhões de hectares na floresta amazônica em apenas um mês por causa do aquecimento global. Sobre a crise climática, os cientistas disseram que se a floresta amazônica queimasse, chegaríamos ao ponto de não retorno climático, onde as decisões humanas para deter o colapso já seriam inúteis. Pois bem, a floresta amazônica está queimando, os sinos já dobram por todo o planeta

por você, por nós, pela vida e pela humanidade. Como disse Ernest Hemingway: “Os sinos não dobram apenas por você, mas por toda a vida; começou o fim.”

Há um ano pedi uma conferência de paz pela Palestina neste mesmo lugar, antes que a primeira bomba estourasse. Hoje temos 20.000 crianças assassinadas sob as bombas e os presidentes dos países da destruição humana riem por estes corredores. Com a ajuda do poder de comunicação dos meios mundiais, que hoje estão nas mãos dos grandes capitais, reordenam o mundo sem democracia, sem liberdade.

O projeto democrático da humanidade está morrendo com a vida, enquanto os racistas, os supremacistas, aqueles que acreditam estupidamente que os arianos são a raça superior, se apressam para dominar o mundo escrevendo o terror das bombas sobre os povos. O controle da humanidade baseado na barbárie está em construção e sua demonstração é Gaza e o Líbano.

Quando Gaza morrer, morrerá toda a humanidade. Acontece que o povo de Deus não era o povo de Israel, não é o povo dos Estados Unidos da América. O povo de Deus é toda a humanidade e as crianças de Gaza; isso era humanidade, o povo escolhido de Deus. Estão matando o povo escolhido de Deus, as crianças da humanidade.

Há uma razão para este armagedon do mundo contemporâneo. É a irracionalidade dos governos que aplaudem o genocídio e que não agem rapidamente para mudar as economias rumo à descarbonização. Há uma lógica, a lógica não está no mundo político nem neste púlpito onde falam todos os presidentes; a lógica está fora e se chama desigualdade social. A Oxfam diz que o um por cento mais rico da humanidade tem mais riqueza do que 95 por cento de toda a humanidade junta.

É nesta desigualdade alcançada, a maior de nossa história como espécie, onde se encontra a lógica da destruição massiva desencadeada na crise climática e a lógica das bombas que um criminoso como Netanyahu solta. Netanyahu é um herói para o um por cento mais rico da humanidade porque é capaz de mostrar que os povos se destroem sob as bombas; se medirmos a riqueza em CO2 emitido e não em dólares, temos a resposta: o um por cento mais rico da humanidade é responsável pela crise climática que avança e se opõe a acabar com o mundo do petróleo e do carvão, porque é sua própria fonte de riqueza.

Os políticos, os presidentes dos países mais poderosos da terra, simplesmente lhes obedecem. Eles pagam as campanhas, eles são os donos dos meios de comunicação, eles são os que ocultam a verdade da ciência, como no filme “Não Olhe Para Cima”.

Eles são os que dizem o que se pensa, o que se diz e o que deve ser proibido e silenciado. Em seu poder de proibição e censura, gritam “Viva a liberdade, caramba”, mas é apenas a liberdade do um por cento mais rico da população mundial, que em seu sentir mercantil e livre nos leva à destruição da atmosfera e da vida.

O livre mercado não era a liberdade, como diziam, mas a maximização da morte. Esse um por cento mais rico da humanidade, a poderosa oligarquia global, é a que permite que se joguem bombas sobre mulheres, idosos e crianças de Gaza, do Líbano ou do Sudão.

É a que permite que países rebeldes que não se encaixam em seu domínio, como Cuba ou Venezuela, sejam bloqueados economicamente, porque precisam mostrar seu poder de destruição ao 99 por cento restante da humanidade, para que os deixem continuar dirigindo o poder do mundo e apropriando-se e acumulando cada vez mais riqueza.

A oligarquia global leva a humanidade à sua própria extinção. A política lhe rende pleitesia, abandonando por completo a ideia da liberdade e do poder dos povos, a ideia da democracia.

A pergunta que deve ser feita a partir deste púlpito é se os povos permitirão isso. Já não há mais tempo, os governos são incapazes de deter a extinção da vida.

Hoje precisamos escolher entre a vida ou a ganância, entre a humanidade ou o capital. Não posso deixar de dizer aos povos do mundo, desde a voz fraca de um país sem armas de destruição massiva, sem dólares, mas lindo por sua diversidade natural e cultural. O país da beleza e da borboleta de todas as cores. Já não é a hora dos governos, mas a hora dos povos. O tempo já se esgotou; ou levantamos a bandeira da vida ou nossos povos se encherão de cemitérios, como nos mostrou a pandemia.

É a hora dos povos e precisamos agir localmente. O capital fóssil não pode continuar. Os povos devem detê-lo. O veneno lançado na atmosfera é fatal e as chaminés que o emitem devem ser paradas em cada canto do mundo. Há um século, uma bandeira vermelha era levantada nas mãos das multidões operárias falando de uma revolução contra o capital. Esse mundo se perdeu no gigantismo dos estados e na ausência de liberdade. A bandeira vermelha não encontrou seu lugar na história da humanidade.

Mas hoje, com mais razão, já não para defender uma classe ou um sistema de ideias, mas para defender a vida coletiva, precisamos novamente levantar a bandeira. Talvez já não vermelha, mas de todas as cores. Uma bandeira de toda a humanidade para defender sua própria existência no planeta.

Talvez a palavra socialismo, hoje, tenha um novo significado. Os cérebros, que são a verdadeira base do trabalho, hoje estão mais conectados do que nunca. Hoje, o saber humano é mais coletivo do que nunca. Ajudar-nos sempre foi a magia que nos permitiu sobreviver durante um milhão de anos neste planeta. Os indivíduos sozinhos são fracos e acabam nas mãos do fentanilo, a droga da morte, da derrota humana.

As pessoas somos fortes se nos ajudamos e essa ajuda alcança a escala planetária. A ajuda mútua, a construção coletiva do saber, a humanidade como novo sujeito político, é a base de um novo significado do socialismo.

Somos o mais avançado da vida, a vida inteligente. Deve-se defender a vida inteligente e defender as outras vidas de uma oligarquia global que a ataca. Uma nova riqueza deve ser construída, não mais baseada no petróleo, mas na intensidade do trabalho criador e livre.

A produtividade permite o tempo livre e criador. A rede dos cérebros humanos é a maior potência jamais alcançada e essa rede neural da humanidade é a que pode nos permitir vencer com a bandeira levantada, a bandeira da vida.

Já não falo a Biden, a Macron, a Putin ou a Xi Jinping. Da China, recolho sua ideia de um diálogo entre civilizações. Da Europa, seu projeto de pactos sociais. Dos Estados Unidos, seu amor à democracia original de seus pais fundadores. Da América do Sul, sua diversidade huracanada, seu cavaleiro bandeirante, seu Simón Bolívar. Da África, seus tambores que chamam a nos comunicarmos com os espíritos da natureza. De Jesus, a ideia do amor universal.

Dessas fontes civilizatórias e mais, que estão em todos os povos do mundo, devemos tirar forças para a maior batalha pela vida da história humana. Essa batalha é indubitavelmente uma revolução mundial. Precisamos construir o maior exército de todos os tempos, composto por guerreiros e guerreiras da vida.

O exército da vida não terá as armas da oligarquia global, não terá armas nucleares, não competirá por armas. Também não terá os dinheiros a rodo dos bancos nem o poder de destruir crianças nos genocídios da oligarquia. Mas terá o maior poder de todos: o poder de uma humanidade unida que não permitirá que lhe tirem sua existência no planeta.

Só há um ponto de vida infinitesimal em milhões de anos-luz ao redor do universo, e se chama Terra, e nela há uma vida superior que é a vida inteligente, a humanidade. Não podemos deixar apagar essa pérola do universo. Sem a vida, apenas a escuridão inerte dominaria, e é essa escuridão inerte que preenche o coração e a alma da oligarquia global e seus ídolos de barro; cabe à humanidade dar a batalha.

É a hora dos povos. Se os governos não puderam — como aqui se demonstra — e decidiram brincar com bombas e guerras sem sentido e matar crianças, jogos de poder, então é hora de tomar a solução dos grandes problemas da humanidade. Nas mãos da mesma gente, do povo simples da humanidade. Em vez de nos dirigirmos a governantes insensíveis, voltemo-nos a nós mesmos, ao comum. Voltemo-nos aos povos para concertar as ações comuns, as demonstrações de outro poder democrático. Em meio a esse poder da humanidade convertida em consciência atuante, aparecerão novos governos, novas lideranças.

Se a vida vencer sua extinção, já não será a oligarquia global a governar o mundo. Será derrubada para construir uma democracia global; uma nova história está prestes a começar.

Obrigado, muito amáveis.